

## O colar encantado

A ansiedade assolava o coração de Miguel naquela manhã de segunda-feira. Estava sentado em uma cadeira, na sala de recepção do Núcleo de Educação Ambiental do Zoológico de Americana, à espera do resultado de sua entrevista de estágio. Junto a ele, estavam mais duas pessoas, Laura, estudante de Medicina Veterinária, e Alex, estudante de Ciências Biológicas, assim como Miguel.

Após meia hora de espera, uma mulher de estatura média e cabelos dourados adentrou a sala, segurando alguns papéis em suas mãos. Estava com a face séria, o que despertou uma sensação de frio na barriga de Miguel. Será que ele e as outras duas pessoas ali presentes não haviam sido selecionados para o estágio? Seus pensamentos e perguntas foram interrompidos quando a mulher começou a se apresentar.

— Bom dia a todos, meu nome é Zilda, sou responsável por coordenar as atividades desenvolvidas aqui no Núcleo de Educação Ambiental (NEA) e também por trabalhar com algumas questões burocráticas envolvendo nosso zoológico. Bom, pra quem não sabe, é nesse espaço que discutimos um pouco com as crianças sobre a importância dos

zoológicos na conservação de diferentes espécies animais. Para abordar esses temas, realizamos palestras, atividades e visitas técnicas. Vocês vieram semana passada fazer a entrevista para estágio, não é isso?

Todos acenaram que sim com suas cabeças.

— Perfeito — continuou Zilda. — Eu, junto com os biólogos e veterinários do parque nos reunimos para avaliar o currículo de vocês, bem como as entrevistas. É com grande prazer que eu os parabeno, vocês foram escolhidos para fazerem parte de nossa equipe de estagiários!

Finalmente o sorriso apareceu na face de Zilda, e não foi somente na face dela que isso aconteceu, tanto na de Miguel, quanto na de Laura e Alex o mesmo ocorreu.

— É sério? Fomos selecionados? Não posso acreditar — gritou Laura, com seus olhos umedecidos de tanta alegria

— Preciso avisar minha família!

— Não acredito! Quando começamos, Zilda? — perguntou Miguel, também agitado com a notícia.

— Você deve ser o Miguel, certo? Bem, vocês começarão na próxima segunda-feira. Peço que venham de calça jeans, camiseta simples e calçados fechados. De início, acompanharão os tratadores do zoo, para aprenderem como é nossa rotina. Depois de algumas semanas teremos outra conversa, para desenvolvermos alguns projetos para serem aplicados. Boa semana a vocês!

Mesmo frequentando todas as noites sua faculdade de Ciências Biológicas, e tendo diversos trabalhos para serem feitos, Miguel tinha a sensação que aquela semana nunca chegaria ao fim. Era como se os minutos parecessem horas, e os dias, longos meses.

No domingo à noite, Miguel fora dormir cedo. Rapidamente se viu em meio a uma folhagem úmida, cercado por árvores altas e folhas largas. Era possível escutar sapos coaxando e outros ruídos que Miguel não conseguia detectar a quem pertencia, pois o local estava parcialmente escuro. Com medo e sem saber onde estava, o jovem de vinte anos seguiu o caminho de terra que havia a sua frente.

Foi então que se deparou com um homem encapuzado, de vestes negras, caídas até o chão. Segurava um cajado de madeira em sua

mão esquerda e um colar, com uma pedra vermelha em seu centro. O homem se manteve imóvel, olhando o rapaz.

Miguel não sabia que atitude tomar, estava apreensivo, mas mesmo assim teve coragem de iniciar uma conversa.

— Quem é você? Onde estou?

— Eu? Ninguém, faço parte de sua imaginação, se tiver medo de mim, então terá medo de você mesmo! Se não conhece onde está, então terá que prestar mais atenção por onde andas nos próximos dias, quem sabe assim, você não encontre isso! — disse o homem misterioso, mostrando a Miguel o colar que segurava em sua mão direita.

— O que é isso? Eu não estou entendendo nada do que está acontecendo — disse o jovem, completamente confuso.

O homem encapuzado, junto com a vegetação úmida e as árvores altas, começaram a desaparecer lentamente. O barulho do coaxar dos sapos fora substituído por um som agudo e nada confortável. Era seu despertador que acabara de tocar, estava na hora de Miguel se levantar para ir ao seu primeiro dia de estágio no zoológico.

Encontrou Laura e Alex na entrada do Núcleo de Educação Ambiental (NEA). O relógio da sala apitou, eram sete horas da manhã. Ambos estavam ansiosos, mesmo que seus rostos mostrassem um pouco de sonolência, devido ao horário.

— Espero poder acompanhar alguém que cuide dos felinos ou das serpentes! — disse Laura, quebrando o silêncio do local.

— Nossa, eu também, gosto bastante dos felinos, principalmente da onça pintada que tem aqui! — continuou Alex, agora com um sorriso na face e mais animado.

— Confesso que tenho medo desses grandes felinos e, principalmente, das serpentes. Todos esses animais parecem ser tão... perigosos! — confessou Miguel, franzindo a testa — Prefiro muito mais os primatas, aliás, já ouvi falar que uma das macacas daqui gosta de abraçar os funcionários.

— Sério?! Nossa, meu sonho é ser abraçada por uma. Sobre as serpentes e os felinos, eles têm essa aparência de maus, mas eu os adoro e sei que devem ser respeitados, como qualquer outro ser vivo — explicou Laura.

— Ah sim, isso sem dúvidas! — complementou Miguel.

— Vejo que já estão bem animados — era Zilda, que acabara de adentrar ao salão de recepção — Pessoal, este aqui é o Tom, um dos nossos veterinários do zoo, ele irá conversar um pouco com vocês e dará as primeiras instruções de hoje.

O veterinário não era muito alto, tinha cabelos castanhos, usava roupas simples, de tonalidade marrom e verde, e apresentava certa curiosidade no olhar. Era como se quisesse saber tudo sobre os novos estagiários, apenas os observando. Após olhar e cumprimentar um a um iniciou sua fala:

— Bom dia galerinha, sejam todos bem-vindos. Como a Zilda já disse, meu nome é Tom, sou médico veterinário, e antes de vocês começarem a colocar a mão na massa, gostaria que respondessem algumas perguntas que eu selecionei nestas folhas. Ali naquela mesa há lápis e caneta, fiquem à vontade.

— Ah não, prova surpresa?! — perguntou Miguel, agora com um leve frio na barriga, tinha pavor de avaliações.

— Ai, não são nem oito horas da manhã, ainda estou com sono, então, não liga se eu escrever alguma coisa absurda...

— disse Laura, tentando justificar seus possíveis erros.

— Mas vamos poder consultar a internet e os livros daqui pra responder, né? — perguntou Alex, com olhar persuasivo.

— Fiquem tranquilos, isso não é uma atividade que vale nota. Não precisam se preocupar com as respostas, gostaria que escrevessem o que realmente vocês acham sobre o que está sendo perguntado, só isso — acalmou Tom, entregando uma folha para cada estagiário.

Mesmo com a fala de Tom, Miguel ainda se sentia inseguro, não tinha boas experiências em responder perguntas surpresas. Ao receber a folha, foi rapidamente ler o que nela estava escrito.

NOME: \_\_\_\_\_

- 1) Quais os objetivos de um Zoológico?
- 2) Como os técnicos de um Zoológico sabem que um animal pertence realmente ao Zoológico?
- 3) O que significa dizer que uma espécie animal está ameaçada de extinção? Cite exemplos.
- 4) Sabemos que animais em cativeiro tendem a ficar estressados e sedentários. O que fazer pra melhorar isso? Cite exemplos.
- 5) Qual a importância dos Zoológicos na conservação de espécies animais?

Das cinco perguntas realizadas, Miguel sabia responder com exatidão apenas uma. “Ainda bem que isso não é uma prova, senão com certeza ficaria abaixo da média. Imagina, logo no primeiro dia de estágio fazer uma avaliação e tirar dois!”, pensou.

Caiu na tentação de olhar para os lados, para ver a reação de seus colegas perante as questões. O que viu não lhe ajudou em nada, Laura, apesar de estar na primeira questão, escrevia linhas e mais linhas, sem ao menos fazer uma pausa para descansar, enquanto que Alex, já havia escrito as respostas das três primeiras questões.

Miguel tentou manter a calma, respondeu a única pergunta que tinha certeza da resposta. Respirou fundo e tentou ficar tranquilo: “as perguntas não são difíceis e não devem ter pegadinhas... sendo assim, vou seguir o que Tom disse, respondê-las do modo que eu acho que é o correto”, e assim o fez.

Após trinta minutos, o veterinário recolheu as folhas dos três estagiários e as guardou em uma pasta.

— E então? Não vamos discutir sobre essas questões? — perguntou Miguel, um pouco aflito.

— Discutir as questões? Sim, iremos... não hoje — respondeu Tom, com um ar misterioso na face — Agora, vamos para a cozinha do zoo e de lá cada um de vocês irá acompanhar um tratador do parque.

Durante o caminho, Miguel viu recintos com diferentes espécies de papagaios. Essas aves emitiam sons agudos e estridentes que ecoavam por todo o zoológico. “Já havia me esquecido o quão desconfortável é o barulho de vários papagaios em um mesmo local. Acho que até o final da manhã estarei com dor de cabeça!”, pensou Miguel.

Ao chegar à cozinha, Tom chamou as três cozinheiras para que viessem conhecer os novos estagiários. A primeira, de estatura baixa e cabelos brancos, chamava-se Luzia, a segunda, de estatura média e cabelos mesclados de castanho e branco, chamava-se Dolores, enquanto a terceira, também de estatura média, mas com cabelos curtos e dourados, chamava-se Nazaré.



— Dolores, Luzia e Nazaré, esses são Miguel e Alex, ambos estudantes de Ciências Biológicas, e essa é Laura, estudante de Medicina Veterinária. Eles ficarão conosco por dois meses. Você podem mostrar um pouco da nossa cozinha para eles? — perguntou Tom.

— Claro que sim, Tom! — respondeu Dolores — Bom, crianças...

— Olhe o tamanho deles Dolores, já não são crianças há muito tempo, veja esse menino, Alex, certo? Já tem até barba no rosto! — ironizou Nazaré, terminando sua fala com uma risada estrondosa e forte.

— Tem razão Nazaré, talvez tenha me expressado mal, mas é que me acostumei a chamar os estagiários que chegam aqui no parque dessa forma, me perdoem. Bem, como estava dizendo, nesse espaço recebemos as frutas dos animais. Lá no fundo há um quartinho onde colocamos as rações, e naquele lugar mais à esquerda temos os freezers para armazenarmos as carnes.

A bancada da cozinha estava repleta de bandejas com diferentes alimentos. Em algumas caixas era possível ver bananas, mamões, goiabas e até abóboras. Ao fundo também havia um fogão e balanças.

— Vejo que aqui tem um fogão, pra quem vocês cozinham a comida? — perguntou Miguel.

— Pra nós, adoro cozinhar feijão e arroz nele! Brincadeira!

— respondeu Nazaré, agora dando uma gargalhada mais alta que a da última vez.

— Que coisa feia pra se brincar Nazaré! A cozinha do zoológico é um local de respeito e de muita importância. Respondendo a sua pergunta, Miguel, não é isso? Todas as espécies aqui do parque têm uma dieta balanceada, feita pelos técnicos que aqui trabalham. Pra cada espécie há um cardápio a ser seguido com os alimentos do dia e o peso que deve ser colocado nas bandejas. Usamos o fogão, **apenas** para cozinhar os ovos, para evitarmos uma doença chamada salmonelose, e para cozinhar alguns alimentos muito duros, como a batata doce, pois alguns animais daqui do zoológico são muito velhinhos e têm dificuldade para mastigar, então para eles são enviados alimentos cozidos — disse Dolores, com ar de autoridade.

Após a explicação, Luzia mostrou a cozinha para os três estagiários, passando pelas frutas, rações, carnes e terminando na parte externa, onde ficavam armazenados os legumes e as verduras.

— Espero que tenham gostado — disse Luzia.

— Sim, obrigado — responderam os três.

— Não fiquem assustados com a quantidade de informações que estão recebendo, ao longo dos dias, vocês irão entendendo a dinâmica daqui. Agora irei selecionar os tra-

tadores que vocês vão seguir — disse Tom, percebendo o rosto meio perdido dos estagiários.

Nesse momento, três pessoas se aproximaram do veterinário. Um homem, de cabelos grisalhos e que usava um boné, chamado Ademar, uma mulher de cabelos castanhos que segurava uma garrafinha rosa de água, chamada Karina, e por fim, um senhor de cabelo e barba rasa, chamado Joaquim.

— Laura, você acompanhará a Karina. Alex, você acompanhará o Ademar e, Miguel, você acompanhará o seu Joaquim — disse Tom — Ao final das tarefas, peço que se reúnam novamente no Núcleo de Educação Ambiental, bom trabalho a todos!

Cada um se reuniu com seu respectivo tratador e seguiram seus caminhos. Joaquim pediu que Miguel pegasse uma carriola e o acompanhasse por uma estrada afastada dos visitantes do zoológico. O local tinha várias folhas no chão, extremamente úmidas, as árvores eram altas e suas folhas longas, o que formava uma região de sombra. Miguel tinha a impressão que já havia estado naquela parte do parque. “Não pode ser, essa parte é restrita para visitantes, somente os funcionários podem vir por aqui”, pensou.

— Faz tempo que o senhor trabalha aqui? — perguntou Miguel.

— Vinte e nove anos! Sou o tratador mais antigo daqui — respondeu Joaquim, com uma voz bem rouca.

— Sério?! O senhor deve ter visto e aprendido muita coisa então — disse Miguel, eufórico.

— Você não faz ideia! Já presenciei cenas que ninguém jamais presenciou, mesmo não tendo muito estudo, aprendi muito com os técnicos daqui. Mas se tivesse que lhe dizer algo hoje, diria para prestar atenção nos mínimos detalhes desse lugar...

— E por que eu deveria fazer isso, seu Joaquim?

— Porque esse zoológico é diferente...

— Diferente? Diferente como?

— Não serei eu a pessoa que lhe dirá isso e tampouco os outros funcionários, mas sinto que você é diferente dos outros que pisaram nessa terra, alguém que, com o tempo, vai ser



bem acolhido por todos os seres vivos desse local — relatou Joaquim, com um olhar tão profundo que Miguel teve a sensação que o senhor estivesse vendo sua alma.

— E por que você acha isso?

— Intuição... bem, hoje iremos limpar o recinto de um animal que eu gosto muito... o hipopótamo! É importante que você saiba, no caso de animais mais agressivos, como leões, tigres, onças, hipopótamos e outros, nós nunca mantemos contato direto com eles, entendeu? Em cada recinto há locais em que podemos prender esses animais, de modo que eles não tenham contato conosco — explicou Joaquim.

Quando se deu conta, Miguel estava de frente para o recinto do Hipopótamo. Nunca havia visto um tão de perto. Esperou o tratador prender o animal em um local seguro para se aproximar mais. Foi então que conseguiu ver no chão enormes amontoados com coloração esverdeada. Eram as fezes do animal.

— Achou que o seu estágio seria um mar de rosas, menino?

— perguntou Joaquim, dando uma risadinha rouca — Eu irei amontoar o resto das fezes, pegue aquela pá e vá colocando tudo isso dentro de um saco de lixo.

Miguel não relutou em fazer o que o tratador lhe pediu. Pensou por um momento que teria problemas com o cheiro das fezes, mas isso não ocorreu. Enquanto ajudava na limpeza, o hipopótamo ficava os observando, dentro de uma piscina, bem sossegado.

— Esse recinto é úmido — disse Miguel.

— Eu também acho. Sabia que tem dias de manhã que dá até pra ver alguns sapos em meio a essas árvores?

— Sério? Que legal, seu Joaquim!

— Eu não acho nada legal. Bichinho feio da peste! Gosto deles... bem longe de mim! Morro de medo de chegar perto de um e ele fazer xixi na minha cara e me cegar! — confessou Joaquim, com cara de espanto.

— O senhor pode ficar tranquilo, o xixi dos sapos não é capaz de cegar uma pessoa. Algumas espécies podem sim urinar como forma de defesa, pois na maioria das vezes, isso faz com que o predador as solte, e só. Não sei se o senhor sabe também, mas eles não lançam nenhum tipo de

veneno, sapos possuem regiões específicas, perto da cabeça, que, se, e somente se, pressionadas, acabam liberando uma toxina, que pode variar de acordo com a espécie — explicou Miguel.

— Eu é que não vou ser o cabra que vai pagar pra ver! Mas confesso que se soubesse disso quando moleque, não teria matado tantos na roça — confessou Joaquim.

A higienização do local durou suados quarenta minutos. Ao liberar o hipopótamo, Joaquim deu a Miguel uma nova tarefa:

— Por favor, siga esse caminho de terra, você chegará ao local em que depositamos nosso lixo. Leve esse saco e despeje lá, use a carriola pra isso. Eu irei voltar na cozinha, para pegar a alimentação do hipopótamo e dos outros animais que eu cuido. Sua sorte é que eu já limpei todos os outros recintos — disse o homem, agora dando uma gargalhada.

— Tranquilo, seu Joaquim — respondeu Miguel, com um sorriso na face.

No trajeto, o estagiário começou a sentir novamente como se já tivesse passado por aquele caminho. Foi então que começou a prestar atenção naquela paisagem e viu, por entre as árvores, um sagui do tufo preto, e não era só isso, o animal segurava um colar que lembrava a face de um animal feroz.

Um arrepio subiu pelas costas de Miguel, será que está perdido? Pensou. Deu um passo a frente para tentar se aproximar do animal, porém o barulho de crepitar de um galho acabou espantando o sagui. Para a surpresa de Miguel, ao fugir, o primata deixou cair o colar que segurava em sua boca.

Rapidamente, o estagiário correu em direção a joia. Era chamativa e reluzente. Uma vontade incontrollável de colocar o colar tomou conta de Miguel. Assim que o mesmo estava em seu pescoço, teve uma sensação de paz e liberdade.

— Agora eu entendo, eu realmente já vivi tudo isso, esse caminho, essas árvores, o colar, tudo isso sempre esteve presente... nos meus sonhos!